

No Amapá, de pé esquerdo

Chegada de Sarney foi tumultuada e com provocações

Marcelo Pontes

MACAPÁ — José Sarney ajeitou o jaquetão de risca de giz e seis botões, andou corcundo dentro do jatinho para se despedir do piloto e colocou primeiro o pé esquerdo no chão de sua nova terra, o Amapá, precisamente às 18h35 de sábado. Recebeu flores e atravessou risonho os apertos e empurrões dos que queriam cumprimentá-lo na pista, inclusive a presidente do PT do B, Rosa Maria Almeida, que, lamentando não ter tido tempo de fazer as unhas, estava ali em nome de Antônio Pedreira ("O senador do povo"), candidato ao Senado pelo novo estado do Amapá, como Sarney.

O ex-presidente acenou para as pessoas que gritavam seu nome da sacada do aeroporto e sentou-se numa sala para uma entrevista coletiva. Assim que foi feita a primeira pergunta — "Presidente, por que Macapá?", querendo indagar por que escolhera esse novo estado para se candidatar — a luz da sala se apagou. Foi um vexame. "Eu não disse?", gritou uma voz, referindo-se à sobrecarga dos spots de televisão. No breu, Sarney calado, só se ouvia vozes dos bastidores das equipes de tevê. "Cadê a fita?" "Olha meu pé, p...."

Quando um flash ou outro de fotógrafo iluminava em fração de segundos o constrangimento de Sarney, dava para ver atrás dele um segurança preocupado, abanando o calor do chefe com uma folha de jornal. Fazia 40 graus ali. Sarney, suando às bicas, mantinha abotoado o jaquetão.

A falta de luz durou três minutos. O embaraço em que Sarney foi metido é que parecia não ter fim. A mesma pessoa que fizera a primeira pergunta, depois identificada como Luiz Melo, da Rádio FM *Antena 1* e amigo do candidato a senador Giovani Borges (PRN), monopolizou a entrevista, com provocações ao ex-presidente. Acusou Sarney de fugir do Maranhão porque

Macapá — Ricardo Leoni



Sarney: novo retirante

lá as pesquisas indicavam índice altíssimo de rejeição ao seu nome. Com muita elegância, Sarney contestou essa informação.

O radialista insistiu, discutiu, Sarney se saiu com frases de efeito ("Não vim atrás de agasalho, vim atrás de trabalho") e seus amigos aplaudiram. O tom subiu quando o provocador perguntou se era verdade que Sarney tinha manipulado os juizes da Justiça Eleitoral para escapar de impugnações. "O senhor não me agrida. Se não quiser me respeitar, respeite ao menos a Justiça do nosso país", reagiu o ex-presidente.

Depois de explicar que se candidatou porque gostaria de oferecer sua experiência a um estado novo de sua mesma região, Sarney teve o conforto da saudação de mil pessoas trazidas de bairros pobres em troca de um presente: uma camisa do candidato com a frase "Vim para lutar". Dali, acompanhado de caravana com fogos e carros de som, foi conhecer o seu comitê. Chegou depois à casa onde está morando debaixo de um coro dos vizinhos: "ei, ei, Sarney, ei, olê, olê, olá". Deu novas entrevistas, enquanto dona Marly, muito simpática, percorria os aposentos e tomava açaí na varanda do quintal. Por fim, Sarney posou ao lado das malas dessa sua nova virada de vida. "Pega uma mala aí, presidente", pediu sem êxito um fotógrafo.